Site do autor: livrosqueardem.com

CAPÍTULO 1 — A CIDADE, O HOMEM E O BIGODE

Se o leitor, em algum instante de fraqueza poética, imaginou Quelimane como cenário de bravuras, selvas densas e leões rondando o quintal das casas, permita-me, desde já, a honra de desfazer o equívoco. Quelimane, na década de 60, era sobretudo um lugar feito de calor, preguiça e maledicência — três elementos tão fundamentais à sociedade local quanto a farinha de milho é ao seu prato.

A cidade, ainda que pequena, possuía uma vastidão moral própria dos grandes centros: cada esquina tinha seu filósofo improvisado; cada varanda, sua teóloga de ocasião; e cada café, seu orador oficial. O sol escaldante obrigava os homens à lentidão, e a lentidão obrigava-os, naturalmente, a falar — e quando não há o que dizer, inventa-se. Foi nesse clima perfeito para exageros que nasceu a lenda de Carlos Martins, o nosso protagonista, e, segundo alguns jornais da época, "o maior caçador da Zambézia".

Começarei pelo bigode.

Porque todo homem, quando decide ser extraordinário, começa pela aparência — uns pelo cabelo, outros pelo andar, e alguns, os mais lúcidos, por um simples detalhe capaz de anunciar grandeza. Carlos escolheu o bigode, e não se tratava de um bigode qualquer, desses tímidos, indecisos, que crescem tortos como ervas daninhas. O bigode de Carlos era uma declaração política. Tinha a densidade adequada, uma curva autoritária e aquele brilho suspeito que denunciava o uso meticuloso de pomada importada, artigo raro até para quem ganhava mais do que ele.

Sim, porque Carlos, antes de herói e antes de mito, foi apenas um bancário com salário modesto, mas ambição infatigável. Trabalhava no Banco Nacional Ultramarino, onde contava notas e escondia sonhos. Tinha horror à ideia de passar a vida atrás de uma mesa. Para ele, o mundo dividia-se em dois tipos de homens: os que vivem, e os que testemunham a vida dos outros. A cada vez que carimbava um documento, condenava-se ao segundo grupo.

Mas havia o bigode.
E o bigode parecia sussurrar-lhe diariamente que estava destinado a algo maior.

A infância de Carlos, se precisamos mencioná-la, foi comum e portanto desinteressante. O pai era um alfaiate habilidoso, a mãe, professora severa. Nenhum dos dois lhe deu dotes de coragem, mas ambos lhe transmitiram um talento extraordinário para a invenção de histórias — o pai pela capacidade de aumentar acontecimentos domésticos e a mãe pela capacidade de reduzi-los à insignificância quando lhe convinha. Carlos herdou dos dois esse pêndulo entre exagero e silêncio estratégico.

Quando jovem, descobriu que gostava de ser ouvido. Aos quinze anos contou que havia salvado um colega do ataque de um cão raivoso — omitiu o detalhe de que o cão, na verdade, era um cachorro velho, míope e amarrado a um coqueiro. Aos dezoito, narrou uma briga em que, segundo dizia, derrubara dois homens com um só murro. O episódio realmente existiu, mas Carlos apenas observou de longe. Aos vinte, começou a colecionar revistas de caça, africanas e europeias, que devorava como quem estuda para um concurso invisível.

E então vieram os trajes.

Carlos recusava qualquer roupa que não fosse digna de um personagem de romance: ternos de linho branco, camisas engomadas, um chapéu panamá levemente inclinado — nunca prático, mas sempre fotogênico. Era um sujeito que posava para a vida como se ela estivesse eternamente prestes a fotografá-lo.

Esse hábito de parecer importante antes de ser importante confundia a cidade. Alguns diziam que era um sedutor envergonhado; outros, que era um visionário; e alguns, mais pragmáticos, afirmavam que Carlos era simplesmente um preguiçoso elegante. O que ninguém imaginava, nem mesmo Carlos, é que essa predisposição para o teatro acabaria por criar não apenas uma história, mas uma existência inteira.

A grande mudança , porém, ainda não era visível no horizonte.
No início dos anos 60, Carlos era apenas isso: uma figura curiosa, agradável de observar. Não era mau sujeito; era apenas exuberante demais para um cenário pequeno demais. Almoçava no Meireles tomava café no Riviera,onde fazia longas pausas dramáticas antes de responder perguntas triviais. Caminhava devagar para aumentar a chance de parecer profundo. Lia jornais com a solenidade de um ministro da

República.

Mas no fundo, no mais íntimo de sua alma — e perdoe-me o leitor por ir tão cedo à alma de um personagem — Carlos sentia que lhe faltava um marco, um feito inaugural, uma façanha mínima que justificasse o bigode, o panamá e, sobretudo, o olhar de importância que lançava ao mundo.

E foi então que a sorte, sempre disposta a brincar com os ambiciosos, abriu-lhe uma porta.

Uma porta com garras, presas e cheiro forte.
Uma porta que mudaria tudo.
Uma porta que ele — repare bem — não abriu, mas ao redor da qual soube circular com habilidade.

Mas isso é matéria do próximo capítulo.

Por ora, basta saber que, naquele tempo, nenhum habitante de Quelimane desconfiava que aquele jovem bancário, de modos exagerados e histórias duvidosas, se preparava para se tornar — sem nunca disparar uma arma — o mais célebre caçador da Zambézia.

E que o bigode, afinal, estava certo o tempo todo.

CAPÍTULO 2 — A PORTA COM PRESAS

A vida raramente anuncia seus acontecimentos decisivos com trombetas, relâmpagos ou cartas registradas. Ao contrário, costuma entrar pela porta dos fundos, discreta como um gato, e só depois de três ou quatro dias o sujeito percebe que tudo mudou. Com Carlos Martins, porém, a sorte decidiu fazer uma entrada mais teatral: escolheu rugidos, pegadas enormes e um guarda florestal em absoluto estado de pânico.

O episódio começou numa manhã de agosto, quando Carlos ainda acreditava piamente que o mundo precisava de sua presença no Banco Nacional Ultramarino. Ele caminhava com o passo ensaiado — aquele ritmo lento, profundo, digno de um homem cuja sombra queria ser fotografada — quando avistou uma pequena aglomeração em frente ao Café Riviera.

Aglomerações, em Quelimane, são fenômenos suspeitos. Nunca se sabe se anunciam uma tragédia, um boato ou apenas a queda de alguém distraído. Carlos aproximou-se com cautela, mas mantendo a postura de quem tem direito natural a testemunhar tudo de perto.

No centro do grupo, arfando como se tivesse corrido desde Namacurra, estava o guarda

florestal Malaquias. Era um homem comprido, de rosto estreito e olhos que pareciam querer abandonar o rosto. E naquele instante, seu pânico estava tão evidente que até o bigode de Carlos — acostumado a exibir superioridade — pareceu vacilar.

— Senhores! — bradou Malaquias. — Temos um leão!

A palavra — leão — atravessou a praça como um relâmpago silencioso. Alguns fizeram o sinal da cruz; outros deram um passo para trás; e o Sr. Guimarães , o dono do café Riviera, correu para fechar a porta como se o animal estivesse prestes a pedir um café com leite.

Carlos, no entanto, endireitou o panamá com elegância calculada.

— Um leão, dizes? — perguntou, com voz firme, como se sua experiência com felinos selvagens fosse vasta e comprovada (não era).

Malaquias assentiu.

— Um leão, sim, senhor. Grande, enorme, monstruoso! Está desde ontem a rondar os arredores. Devorou três cabras de um camponês perto do Irregele na zona da Nhanhe Romana Mateus. E agora… agora dizem que está mais perto.

Carlos absorveu a informação com o ar de quem já esperava por aquilo. Na verdade, nunca, em momento algum, pensara que um leão lhe traria a oportunidade da vida. Mas o instinto dramático — que lhe era natural — avisou-lhe que aquele era o momento anunciado, o momento que o bigode aguardava desde a sua concepção.

— E quem irá atrás dele? — perguntou alguém.

O guarda olhou ao redor, esperando que algum voluntário surgisse, mas encontrou apenas cidadãos profundamente interessados nas próprias unhas, no céu, em pedras imaginárias no chão — qualquer coisa que evitasse a responsabilidade heroica.

E foi então que Carlos, com um gesto ensaiado pelas circunstâncias e pelo destino, pousou a mão direita sobre o peito e avançou um passo.

— Eu posso ajudar.

Não houve espanto; houve assombro. Porque assombro é o espanto já convencido de que está acontecendo algo extraordinário.

— Tu? — perguntou Malaquias, sem disfarçar a surpresa.

— Eu — respondeu Carlos, como se dissesse: naturalmente.

Formou-se um silêncio respeitoso, não tanto por confiança, mas por falta de alternativa. A cidade inteira sabia que Carlos nunca havia manejado uma arma. Sabia também que sua experiência mais próxima de um animal feroz fora um galo mal-humorado na infância. Mas a convicção com que disse "eu" foi tão redonda, tão segura, tão revestida de intenção literária, que ninguém ousou contestá-lo.

E então o destino — que às vezes tem bom humor — colocou-lhe nas mãos a primeira peça daquela porta com presas.

Seguiu-se uma preparação rápida, quase caricatural. Malaquias entregou-lhe um rifle emprestado, mais alto do que duas vaidades humanas empilhadas. Carlos segurou a arma com firmeza, embora não soubesse sequer como destravá-la. Ajustou o chapéu. Espalmou o bigode. Respirou fundo, como quem se prepara para um retrato que atravessará gerações.

— Tens certeza? — insistiu o guarda.

— Malaquias, meu caro — respondeu Carlos, numa solenidade ensaiada — um homem tem sempre certeza nos momentos destinados à sua grandeza.

Ninguém soube se foi coragem ou pura imprudência. Mas o fato é que seguiram caminho.

Durante a caminhada até os arredores da cidade, Carlos manteve o silêncio pensativo, um silêncio calculado para sugerir concentração. Por dentro, contudo, a alma batia lhe no peito como se tentasse fugir antes da aventura começar.

— O leão é grande? — perguntou de repente.

— Enorme — disse Malaquias. — Dizem que tem cicatrizes no rosto. Um verdadeiro monstro.

Carlos engoliu em seco, mas o gesto foi discreto o suficiente para que o guarda não notasse. A lenda do caçador da Zambézia começava ali — exatamente no ponto entre o medo e a oportunidade.

Chegaram finalmente à clareira onde as pegadas estavam marcadas. Eram, de fato, impressionantes. Enormes. Fundas. Ameaçadoras. Malaquias examinou-as com o cuidado de quem lê um telegrama fatal.

— Está perto — avisou ele.

Carlos olhou para o mato denso, e naquele instante compreendeu que a porta —

aquela porta metafórica que sua ambição sempre aguardara — tinha dentes, cheiro de sangue e um rugido gravado no horizonte.

Mas não poderia recuar.

O bigode não permitiria.

— Vamos — disse ele, firme, surpreendendo-se com a própria voz.

Deram dois passos. Depois três. Um galho estalou. Malaquias prendeu a respiração. Carlos, por sua vez, fez o que faria pelos próximos anos de sua vida: manteve o semblante de homem que sabe exatamente o que está fazendo — mesmo quando não sabe.

E no instante seguinte, do meio do capim alto, surgiu algo.

Algo que definirá não apenas o rumo deste romance, mas o destino de todas as histórias futuras que ainda inventariam sobre ele.

Mas não, meu caro leitor — não abrirei a porta toda de uma vez.

Convém deixar que o suspense trabalhe por nós.

CAPÍTULO 3 — O RUGIDO, O GALHO E O DESTINO

O leitor, que já me conhece o suficiente para desconfiar de milagres, talvez tenha imaginado um leão emergindo da mata como nos romances aventureiros: juba ao vento, olhos de fogo, músculos pulando sob o sol tropical. Pois devo avisar-lhe que a realidade, especialmente em Quelimane, raramente tem a gentileza de imitar a literatura estrangeira.

O que saiu do capim não foi um leão.

Mas Carlos não sabia disso.

Nem Malaquias.

Nem ninguém sensato, porque, como diria mais tarde o próprio protagonista, "no momento em que o silêncio treme, qualquer coisa com pelo parece monstruosa".

O fato é que houve um estalo — seco, violento, enigmático — seguido de um movimento brusco na vegetação. O rifle tremeu nas mãos de Carlos, o bigode ergueu-se como se tivesse vida própria, e Malaquias murmurou algo entre um "ai" e um "valha-me Deus".

— Estás a ouvir? — sussurrou o guarda.

— Estou — respondeu Carlos, tentando controlar o tremor na voz.

Na verdade, o que Carlos ouvia era o próprio coração, batendo como se tentasse anunciar o seu testamento. Mas essa não é uma informação que um herói admite — nem a si mesmo.

O capim moveu-se uma segunda vez, desta vez num arco mais amplo. Um rugido ecoou. Ou melhor, algo parecido com um rugido, embora com notas estranhamente agudas. Malaquias empalideceu.

— É ele! — exclamou.

“Ele”. A fera. O monstro. O leão devorador de cabras. A besta que, segundo rumores, tinha olhos que brilhavam no escuro e já enfrentara caçadores armados.

Carlos ajeitou o panamá.

Ajeitar o panamá era o seu gesto de sobrevivência: um ritual para convencer o mundo — e a si próprio — de que estava no controle. Respirou fundo, ergueu o rifle, tentou se lembrar se a arma estava destravada (não estava), e avançou um passo.

Será exagero dizer que, naquele instante, ele acreditou genuinamente ser um caçador? Talvez. Mas o pânico, quando abençoado por ambição, produz uma espécie de coragem acidental.

O capim se abriu.

E, finalmente, a fera surgiu.

Não era um leão.

Era uma cabra.

Mas Carlos não viu uma cabra.

O que ele viu — ou acreditou ver — foi uma sombra felina, um vulto dourado, uma juba potencial. A imaginação humana é um bicho generoso: quando teme, aumenta; quando deseja, inventa; quando precisa de um mito, fabrica sem remorso.

A cabra, assustada pela presença dos dois homens, soltou um berro que, por desgraça acústica, soou vagamente como um rugido desafinado. Depois correu, saltando com a

graça humilde de quem apenas deseja continuar viva.

Malaquias, que tinha a pior vista da província, gritou:

— Leão! Leão! Está a fugir!

E a palavra "leão" é mágica.

Carlos ouviu.
O bigode ouviu.
O destino, sentado numa cadeira invisível, cruzou as pernas e esperou.

Carlos ergueu o rifle, respirou fundo e disparou.

Disparou para o céu.

O estampido ecoou pelo mato. Os pássaros fugiram. A cabra acelerou o passo, convencidíssima de que a morte a perseguia. Malaquias caiu sentado no chão. E Carlos, com o rifle fumegante nas mãos, permaneceu absolutamente imóvel.

Parecia uma

Uma estátua que tremia um pouco, é verdade, mas ninguém exige perfeição de estátuas improvisadas.

— Conseguiste…? — perguntou o guarda, com a voz pastosa.

Carlos abriu os olhos lentamente, como quem devolve ao mundo a honra de contemplar seu heroísmo.

— Ele fugiu — declarou, com gravidade. — Mas está ferido. Muito ferido. O disparo acertou-lhe perto.

Era mentira.

A bala não acertou sequer o continente africano, segundo alguns geógrafos mais rigorosos.

Mas Malaquias acreditou — ou quis acreditar. E assentiu com respeito quase religioso.

— Foi sorte o leão correr — disse. — Senão, a esta hora, seríamos apenas duas lembranças tristes.

Carlos não respondeu. Olhava para o mato como quem calcula se deve agradecer ou amaldiçoar a providência divina. Porque, embora tivesse acabado de disparar o tiro mais inútil da história da caça, sentia que aquele era um marco. Um primeiro gesto. Um símbolo, ainda que precário, de algo maior.

E o destino, meu caro leitor, tem uma capacidade extraordinária de transformar símbolos precários em lendas definitivas.

Voltaram à cidade.

Não como dois homens que viram uma cabra assustadiça, mas como dois aventureiros que enfrentaram a fera, a sombra, o rugido desafinado. Malaquias, ao chegar ao Café Riviera , deu sua versão dos fatos com o fervor de um profeta:

— Senhores! O senhor Carlos, aqui presente, enfrentou hoje o leão! Um tiro, um rugido, uma fuga pela vida! Foi coisa de cinema!

A palavra "cinema" tem peso. Mais peso que "cabras", "verdade" ou "bom senso".

A multidão aproximou-se, ávida. E Carlos — que não perderia jamais uma oportunidade dramática — limitou-se a ajeitar o panamá, levantar o queixo e responder com voz tranquila:

— Fiz apenas o que era necessário.

E assim, numa manhã comum, com uma cabra medrosa e um tiro perdido no céu, nasceu a primeira pedra da lenda. A primeira semente da fama. O primeiro capítulo do mito do Caçador da Zambézia.

Tudo porque, naquela clareira, ele não viu uma cabra.

Ele viu um destino com bigode.

CAPÍTULO 4 — A DIPLOMACIA DO BIGODE

Se há algo que Quelimane respeita mais do que a realidade, é a versão que a cidade inventa dela. E na manhã seguinte ao famoso "Encontro do Leão que Era Cabra", já não havia quem duvidasse da bravura de Carlos Martins. O herói nascera — contra sua própria vontade, é verdade — mas nascera. E, como convém aos heróis inesperados, já não lhe pertenciam nem o destino nem o sossego.

O Café Riviera abriu mais cedo do que o habitual, não por zelo comercial, mas porque o Sr. Guimarães entendera que a história precisava de palco. E que palco seria mais adequado do que o balcão de mármore, testemunha de décadas de exageros, boatos e

amores clandestinos?

Logo às sete, a primeira comitiva de curiosos chegou. Depois a segunda. Depois a terceira. E, quando Carlos se aproximou da porta — com aquele andar teatral que ensaiara desde a juventude — foi recebido com aplausos tímidos, mas sinceros.

Ele, naturalmente, fingiu surpresa.

Um herói genuíno finge sempre surpresa.

— Senhor Carlos! — exclamou o Dr Leitão Marques — A cidade está em dívida convosco!

Carlos inclinou o chapéu panamá com a gravidade de um ministro em visita oficial.

— Fiz apenas o que qualquer homem faria — respondeu, sabendo perfeitamente que nenhum homem faria aquilo. Sobretudo porque aquilo, de fato, nunca acontecera.

Mas a verdade, naquelas primeiras horas, era a convidada menos importante.

A diplomacia do bigode havia começado.

A FAMA SÚBITA

Como em toda cidade pequena, a notícia correu com a velocidade dos boatos e a precisão das inverossimilhanças. A cabra transformou-se num leão manso, depois num leão agressivo, depois num leão "tão grande que parecia dois". O tiro, originalmente direcionado ao céu, desceu gradualmente na narrativa pública: primeiro tornou-se um tiro "para assustar"; depois "um tiro na testa do monstro"; e, por volta do meio-dia, já havia quem garantisse que Carlos havia disparado três vezes, com frieza cirúrgica, contra a besta que ameaçava a cidade.

Carlos permaneceu calado.

Não por virtude, mas por medo de atrapalhar uma mentira que crescia tão bem sem ele.

E o bigode — ah, o bigode — alargou-se de orgulho, como se finalmente ocupasse o lugar que merecia na história universal dos bigodes importantes.

MAURICIO O ENFERMEIRO

Ao ouvir comentarios do feito, o enfermeiro Maurício Soares, homem respeitado por suas mãos firmes,e sua capacidade infalível de medir a pressão de qualquer pessoa.

Exclamou — Bravo, muito bravo mesmo… enfrentar um leão! Mas fugir de uma injeção continua a ser o maior mistério da ciência moderna.

E não disse isso como censura, mas como perplexidade clínica.

O enfermeiro tinha lembranças vivas do dia em que tentara administrar uma simples vacina antitetânica em Carlos. A cena, ainda hoje contada no corredor do hospital, envolveu:

- duas enfermeiras
- um frasco caído
- um banco arrastado involuntariamente
- e Carlos, pálido como farinha, perguntando se "não haveria uma versão oral" da injeção.

Maurício repetia sempre:

— Um homem que mata leão não devia desmaiar por uma agulha de três centímetros!

E acrescentava, com a gravidade de um filósofo de enfermaria:

— Há coragem para o mundo, e há coragem para o braço esquerdo. São espécies diferentes.

— Bem, pelo menos agora posso dizer: conheço o único caçador da Zambézia que teme mais uma vacina do que um felino com dentes do tamanho de pregos de construção.

E assim, entre o leão que nunca viu e a agulha que sempre temeu, Carlos Martins seguiu aumentando sua lenda, enquanto Maurício, apontando a seringa como quem aponta um argumento, continuava a única alma em Quelimane plenamente consciente da verdadeira assimetria heroica do nosso protagonista.

A ROTINA INTERRUPIDA

A fama, porém, tem seus inconvenientes práticos. Às nove da manhã, o gerente do Banco Nacional Ultramarino mandou uma mensagem urgente:

"Senhor Carlos Martins: comparecer imediatamente para esclarecimentos."

Carlos suspirou. Até o heroísmo tinha seus limites burocráticos.

Quando chegou ao banco, encontrou o gerente — um homem de postura rígida e

imaginação estreita — a olhá-lo com uma mistura de respeito e irritação.

— Carlos, meu rapaz… — começou ele. — A situação é delicada. A cidade inteira fala de si. Há rumores de que andas a enfrentar leões. Preciso saber se estás… seguro.

— Seguríssimo — mentiu Carlos com elegância.

— Pois bem. Dado o alvoroço e o risco para a instituição, decidimos conceder-lhe uma licença.

— Uma licença? — perguntou Carlos, tentando parecer surpreso. Por dentro, fazia piruetas de alegria.

— Sim. Uma licença não remunerada.

As piruetas cessaram.

— Mas… por quê? — arriscou.

— Ora, meu rapaz, porque um bancário que enfrenta leões é uma distração para os clientes. E, além disso, caso o leão volte… preferimos não assumir responsabilidades trabalhistas.

Carlos agradeceu com a dignidade possível e deixou o banco. Estava, finalmente, livre das rotinas de carimbos e papéis — mas não por ter tomado uma decisão audaciosa. A liberdade caíra sobre ele como um coco maduro, inesperado e ligeiramente doloroso.

O PATROCÍNIO INESPERADO

No mesmo dia, ao meio-dia e meia, Carlos foi procurado no Riviera por ninguém menos que o influente comerciante Monteiro Nunes — homem gordo, generoso, e especialista em adquirir reputação por proximidade aos outros.

— Senhor Carlos! — disse ele, abrindo os braços. — A cidade precisa de si!

Carlos ajeitou o panamá.

— Estou ao serviço da comunidade — declarou, com modéstia ensaiada.

— Excelente! — vibrou Monteiro . — Ouça: estamos a organizar um fundo para lhe oferecer o melhor equipamento! Rifles, chapéus, botas, munições! O senhor agora é o defensor da Zambézia!

Carlos tentou protestar — mas protestar contra homenagens é perder a homenagem. E

ele sabia disso.

No fim da tarde, já posava para fotografias improvisadas, segurando um rifle que nunca dispararia e um cantil que jamais encheria. Serafim falava em expedicioná-lo para resolver "um problema de crocodilos em Morrumbala", mas Carlos, com maestria, desviou a conversa para temas mais vagos.

Afinal, enfrentar um leão imaginário era uma coisa.

Enfrentar um crocodilo real era outra.

A ARTE DE NÃO FAZER NADA

Com a fama consolidada e o emprego suspenso, Carlos dedicou-se à sua mais antiga habilidade: parecer importante sem fazer nada de concreto.

A cidade via-o caminhar lentamente, parar no meio da rua para observar o horizonte, examinar pegadas inexistentes, medir o vento com o dedo, tocar o bigode com reflexão filosófica.

E quanto menos fazia, mais acreditavam que fazia muito.

A Diplomacia do Bigode funcionava assim:

1. Silêncio pensativo diante de qualquer pergunta.
2. Olhar distante, como se ouvisse sons que o resto da humanidade não percebia.
3. Frases vagas, como:

— O mato fala, meu caro. Só não entende quem não sabe escutar.

4. Saídas abruptas, como se atendesse a um chamado urgente da selva.

Esse método — inteiramente acidental — teve efeito fulminante.

Nas rodas de conversa, diziam:

— O senhor Carlos anda sempre alerta.
— Está a preparar-se para algo grande.
— Deve saber segredos que não conta.
— É humilde. Os maiores são sempre assim.

E assim, sem disparar outro tiro, sem ver outro animal, sem entrar em selvas ou matos, Carlos Martins consolidou-se como o maior caçador da Zambézia — e o único que conseguiu essa glória movendo apenas o bigode e o panamá.

Mas, como sempre acontece com mitos recém-nascidos, o excesso de admiração atrai inevitavelmente o pior dos visitantes:

A dúvida.

E com ela — como um abutre elegante — o primeiro rival.

Que virá no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 — O DESAFIO E O ESPECTRO DA VERDADE

A fama de Carlos Martins, que nascera frágil como um pássaro recém-eclodido, crescera tão depressa que, ao chegar ao quinto dia, já batia asas próprias. E, como acontece com toda criatura criada pelo exagero alheio, ela decidiu sair da gaiola e passear pela cidade sem pedir autorização ao dono. Carlos, coitado, continuava achando que estava no controle — uma ilusão tão comovente quanto inútil.

A verdade é que ele nunca esperou que sua nova reputação atravessasse o rio, percorresse as machambas, entrasse pelas portas das cantinas e terminasse instalada na esplanada do Refeba, onde caçadores verdadeiros — daqueles com cicatrizes e histórias comprováveis — passavam as tardes bebendo cerveja e insultando o acaso. Mas a fama tem o terrível costume de chegar antes que a pessoa esteja preparada para recebê-la.

E foi assim que, numa quente tarde de domingo, o tal acaso apresentou a Carlos o primeiro grande obstáculo: o Rival Cético.

O RIVAL CÉTICO

Ele chamava-se Álvaro Pimenta, um português nascido em Moçambique, dono de um bigode agressivo e de um peito que parecia ter sido moldado para carregar munição. Era conhecido por três atributos: bebia bem, caçava melhor e desconfiava de tudo que não pudesse cheirar, medir, desmontar ou matar.

Quando ouviu no Refeba que "um tal de Carlos Martins, bancário, enfrentara um bicho grande na mata", Álvaro riu de uma maneira que fez as garrafas estremecerem.

— Um bancário? — repetiu, como se fosse a profissão mais incompatível com a coragem. — Bancário não caça nem mosquito.

A frase, como sempre acontece em Quelimane, atravessou a cidade mais rápido que um telegrama. E Carlos foi informado do comentário por três pessoas diferentes, cada qual acrescentando mais arrogância a Álvaro do que a anterior. Na terceira versão, diziam até que o caçador prometera derrubar Martins "como se abate galinha gorda".

Carlos tentou ignorar. Passou o dia aplicando sua técnica comprovada de sobrevivência:

silêncio pensativo acompanhado de movimentos lentos, como se cada passo fosse uma negociação com a própria reputação. Mas a provocação continuou a chegar, persistente como formiga que descobre açúcar.

No final da tarde, o encontro tornou-se inevitável.

Álvaro, com seu andar de quem sempre chega antes do perigo, foi até a casa de Carlos.

— O senhor é o famoso caçador da Zambézia? — perguntou.

Carlos, que suava com a rapidez de quem teme perguntas simples, respondeu:

— A fama dos homens nunca corresponde totalmente à realidade.

Álvaro sorriu. Nunca um sorriso carregou tanta ameaça.

— Ótimo. Vou descobrir isso pessoalmente. Venha comigo para a mata amanhã. Quero ver do que o senhor é feito.

Carlos quis dizer "não", "jamais", "está louco?", mas sua língua, aderindo perfeitamente às expectativas sociais, saiu-se com:

— Ora… veremos o que a mata nos oferece.

E foi assim que a mentira ganhou vida própria e o arrastou pelo colarinho.

A PREPARAÇÃO FARSA

Aquela noite foi um tormento doméstico. Carlos abriu todas as revistas de caça que possuía — que, vale dizer, estavam em estado imaculado, sem um único vinco de uso — e estudou freneticamente os capítulos "Comportamento do Búfalo", "Distância Segura para o Disparo" e, claro, "Quando Correr é a Melhor Estratégia".

Leu como quem espera que o texto salte das páginas e decida caçar no seu lugar.

Ensaiou poses com o rifle, treinou o olhar firme diante do espelho (fracassou), testou a respiração profunda (soou asmática), ajustou o panamá (ficou ótimo). Até imaginou frases dramáticas para impressionar Álvaro, como:

"O vento é o primeiro inimigo do caçador."

ou

"Prefiro esperar. A floresta é paciente."

— Mas eu não — murmurou, notando que já era madrugada.

O GRANDE DILEMA

Na manhã seguinte, a situação só piorou.

Ao sair de casa, encontrou uma pequena multidão reunida. Em Quelimane, multidões não precisavam de motivo: bastava a promessa de um bom ridículo humano. E ali estavam homens, mulheres e até algumas crianças, todas ansiosas para ver a dupla partir para a caçada.

Álvaro apertou o ombro de Carlos — e um aperto de caçador profissional equivale a um roubo de oxigênio.

— Pronto? — perguntou.

Carlos sorriu com a serenidade dos condenados.

— A natureza sabe quem está preparado.

A frase, dita sem intenção, virou imediatamente slogan. Dois rapazes correram para repeti-la no armazém Nathoobhai.

A verdade, porém, era outra: Carlos não estava preparado para nada. Nem para o sol, nem para o pó, nem para o silêncio de duas horas dentro de uma mata onde cada folha parecia zombar dele.

A SOLUÇÃO INESPERADA

A graça — e desgraça — da vida é que ela costuma resolver certos problemas com a mesma lógica caótica que os cria. E foi assim que, no momento exato em que Álvaro exigia:

— Vamos avançar. O rastro é recente.

Um grito atravessou o mato. Não era de fera. Era de gente.

Dali a poucos segundos, surgiu um miúdo correndo na direção deles:

— Senhor Álvaro! Senhor Álvaro! — gritava. — É o seu ajudante! Ele caiu, torceu o pé, não consegue andar!

Álvaro praguejou. Ajudantes, ao contrário das feras, não escolhem o momento certo

para sofrer.

— Preciso voltar — disse ele, contrariado. — Isso vai ficar para outro dia.

Carlos, cujo alívio ameaçava escapar em lágrimas, apenas acenou com a cabeça, como se estivesse profundamente decepcionado por adiar a caçada.

— A mata tem seus caprichos — comentou.

E a multidão, que esperava ansiosa na estrada, viu os dois homens retornarem. Mas só um deles — Carlos — mantinha o panamá alinhado, o rifle equilibrado e o silêncio próprio dos seres perigosos.

Naturalmente, a conclusão popular foi imediata: Carlos é tão experiente que até o destino se curva diante dele.

Álvaro, com o orgulho ferido, nada disse. Mas Quelimane repetiu a história como se tivesse testemunhado uma disputa entre dois titãs — e o bancário vencera sem sequer levantar o rifle.

O mito, em vez de vacilar, cresceu com força renovada.

E Carlos, agora consciente de que a lenda era maior que ele, começou a pressentir — pela primeira vez — que talvez estivesse montado num cavalo que não sabia como desmontar.

Mas isso, como veremos, tem um preço.

CAPÍTULO 6 — O PREÇO DO MITO

Se a fama de Carlos havia começado como um mal-entendido, agora ela evoluíra para entidade autônoma: caminhava pela cidade sozinha, falava por ele, tomava decisões em seu nome. Carlos era apenas o porteiro da própria reputação — e um porteiro mal pago, nervoso e frequentemente atrasado.

A provocação de Álvaro Pimenta, ironicamente, dera ao mito uma musculatura que Carlos não possuía. O "duelo" na mata terminara antes de começar, mas Quelimane, sempre ansiosa por narrativas épicas, decretou que aquilo fora uma vitória silenciosa, elegante, quase aristocrática. O caçador que recua sem recuar. O homem cuja prudência desarma os imprudentes.

E assim, o mito progrediu para seu próximo estágio evolutivo: a interferência na vida amorosa.

O ROMANCE

Tudo começou no Riviera, onde residia a famosa "teóloga de ocasião" — uma mulher que, dependendo da narrativa da semana, era filósofa, poetisa, médica frustrada ou antropóloga especializada em comportamento masculino. Na verdade, ela apenas tinha o hábito de interpretar tudo como se fosse um sinal enviado pelo céu. E o céu, ultimamente, parecia inteiramente ocupado com Carlos Martins.

Seu nome era Helena Dias, uma moça de beleza inquieta, daquelas que parecem estar sempre prestes a se apaixonar ou a escrever um manifesto. Quando ouviu a história da caçada abortada, concluiu, com a firmeza dos crentes:

— Ele é guiado por uma força maior.

A amiga, mais prática, respondeu:

— Força maior? O que ele guiou foi o caçador Álvaro, de volta para casa.

Mas Helena ignorou. Passou a frequentar mais o Riviera, sempre no horário em que Carlos aparecia para disfarçar o tédio com chá e ar de seriedade. Ele notou, claro — não era imune a olhares. E, num momento de coragem, fez aquilo que nunca ousara:

— Aceita sentar-se? — convidou, com a voz quase do tamanho do seu pânico.

Helena aceitou.

A conversa foi suave, ritmada por copos de água gelada e reflexões sobre "a relação entre coragem e destino". Carlos, mestre autoproclamado em parecer inteligente, limitou-se a balançar a cabeça e acrescentar frases vagas como:

— A mata ensina.

Ou:

— O perigo não está no animal, mas no homem que o imagina.

Helena, naturalmente, ficou encantada. Ele não precisava ser valente — bastava parecer profundo.

Mas o romance trouxe uma consequência adversa: agora havia testemunha constante da sua suposta coragem. Qualquer deslize seria visto, interpretado e, pior, romantizado.

O PÊNDULO INVERTE-SE

O corpo de Carlos, antes leve como funcionário bancário em fim de expediente, começou a pedir socorro. O mito exigia que ele fosse sempre o caçador que não era. Exigia postura, olhos semicerrados, frases ambíguas, caminhadas lentas, panamá impecável, silêncio carregado de significados — e tudo isso cansa mais que cavar carvão.

À noite, já não dormia. À tarde, fingia dormir para não conversar. Pela manhã, acordava com receio de que sua imagem tivesse se desgastado sozinha enquanto ele dormia. O pêndulo entre exagero e silêncio, que antes servira bem como estratégia social, agora o fazia oscilar como um bêbado entre a coragem que não tinha e a modéstia que não merecia.

Até que o destino, que já o ajudara antes, resolveu empurrá-lo para uma esquina desconfortável.

A "CAÇA" PERTO DEMAIS

O incidente ocorreu dois dias depois.

Uma criança da vizinhança correu desesperada pela rua, gritando:

— Está um bicho grande no quintal de dona Celestina! Um bicho, bicho mesmo!

A vizinhança — sempre talentosa para exagerar — já imaginava um leopardo, uma hiena ou um hipopótamo . Mas Helena, ouvindo a confusão, virou-se para Carlos com olhar que misturava expectativa e fé:

— Vai lá ver. Às vezes o perigo escolhe o homem.

Carlos quis responder: "Eu prefiro não ser escolhido". Mas o mito enroscou-se no seu pescoço e o empurrou.

Chegando ao quintal de dona Celestina, encontrou a plateia formada e a porta aberta. Todos recuavam, apontando para o interior como se estivesse lá o próprio Demônio em forma animal.

— Entre, senhor Carlos — disse alguém. — É o seu território.

Ele inspirou, ajustou o panamá, segurou o rifle tremendo e entrou. Cada passo parecia carregado de areia. O coração batia tão alto que, se o animal tivesse ouvidos, fugiria antes do confronto.

E então viu: um macaco. Um simples macaco, pequeno, inofensivo, de olhos astutos e um ar de quem não reconhece prestígios humanos.

O macaco encarou-o. Carlos o encarou de volta. E, naquele breve duelo de pânicos, quem primeiro perdeu o controle foi o homem.

O DISPARO INVOLUNTÁRIO

O macaco moveu-se — não com agressividade, mas com impaciência. E Carlos, dominado pela tragédia do instinto, apertou o gatilho.

O tiro ecoou pelo quintal como se tivesse matado um dragão.

Carlos caiu sentado, o panamá voando, o rifle ainda quente.

O macaco, ileso, fugiu pela janela.

E a multidão, vendo a cena de fora — o estampido, a poeira, a fuga do bicho — interpretou exatamente o oposto da realidade.

— Ele só deu um tiro para assustar! — disse alguém.

— Estratégia pura! — garantiu outro.

— É um homem de mira psicológica! — proclamou um terceiro, com a convicção dos ignorantes.

Helena entrou correndo e encontrou-o sentado no chão, com expressão de pânico misturada a vergonha. Interpretou tudo errado.

— Nunca vi alguém agir com tanta calma no perigo — sussurrou.

O mito cresceu mais uma vez. Cresceu tanto que, se tivesse massa sólida, quebraria o chão da cidade.

E Carlos, percebendo que o golpe casto da sorte reforçara outra vez sua reputação, compreendeu — finalmente — que aquilo já não era mais uma aventura social. Era uma prisão dourada.

E prisões douradas são as únicas das quais ninguém tem coragem de fugir.

Mais Uma Vez a sorte a Oportunidade como Aliada

CAPÍTULO 7 — O LEÃO SUBSTITUTO (OU COMO A VERDADE, EM CERTOS DIAS, PREFERE FICAR DE FOLGA)

Se há coisa para a qual Quelimane nunca está preparada — apesar de jurar estar sempre preparada — é para o retorno triunfal de um homem convencido de sua própria glória. E Carlos Martins, permita-me dizê-lo com alguma admiração misturada com riso, era exatamente esse tipo de homem: o sujeito que regressa de Nicoadala como quem volta de uma expedição a Cartago, ainda que a expedição consistisse apenas em comer ananás ,galinha cafreal,numa plantação e beber o que chamavam de refresco, mas que tinha o grau alcoólico de um tratado de paz rompido.

O dia estava avermelhado, daqueles em que o sol parece reclamar impostos atrasados de todos os viventes. Carlos avançava na estrada poeirenta, satisfeito consigo e com o almoço, quando avistou algo que, mais tarde, teria coragem de chamar de "sinal do destino", embora o destino, ao que me consta, jamais tenha assinado tal documento.

Era um aglomerado de homens — e quando digo aglomerado, leitor, quero dizer aquela massa informe que se cria quando a curiosidade local detecta qualquer coisa que fuja da rotina dos galos e das discussões políticas sobre quem roubou menos. Ali estavam: uns em pose de importância, outros com ar de especialistas improvisados e, bem no centro, o espetáculo. Um leão. Morto, mas ainda leão — e morto de um jeito suficientemente fotogênico para que qualquer caçador de ocasião visse ali uma oportunidade de ascensão social imediata.

Carlos estacou. Primeiro arregalou os olhos; depois pôs as mãos na cintura, como se examinasse a fera caída com o olhar clínico de quem passou a vida inteira enfrentando bestas selvagens, quando, na verdade, seu maior enfrentamento fora uma galinha agressiva na infância.

— Quem matou? — perguntou, fingindo casualidade, como quem pergunta o preço de uma banana, embora seus olhos já brilhassem com a antecipação do feito.

Os locais entreolharam-se. E é aqui que entra a mágica da Zambézia: havia sido um rapaz de nome Ernesto, o qual, com grande coragem (e talvez pouca noção), havia abatido o animal depois que este se aproximara demais da palhota da avó. O leão, como muitos grandes felinos do interior, tinha mais fome do que majestade.

Mas observaram Carlos, seu jipe, sua roupa cheia de bolsos (daquelas que, por si só, já fingem aventuras), e decidiram que uma oportunidade de negócio acabara de estacionar.

— Fui eu — disse Ernesto, embora seu tom denunciasse que esperava algo mais imediato do que glória póstuma. — Matei, sim.

Carlos aproximou-se do corpo e, com a autoridade dos ignorantes seguros de si, agachou-se para examinar o ferimento. Era uma perfuração limpa, feita por uma arma

que ele não sabia identificar, mas fingiu saber.

— Tiro certeiro — comentou, erguendo o queixo. — De um caçador habilidoso.

Ernesto, pensou! tiro?mas anuiu abrindo um sorriso cheio de dentes e esperança.

— Pode ser seu, patrão…

E eis que Carlos sentiu o universo se abrir à sua frente. Não que acreditasse realmente naquilo; mas ele acreditava em algo mais poderoso do que verdade: conveniência social. Basta a um homem como Carlos ter um público disposto e um leão disponível, que o resto — verdade, mérito, coragem — se ajusta depois.

— Quanto? — perguntou.

O murmurinho começou. Um dizia 30; outro dizia 40; um mais ousado, que parecia medir o apetite financeiro do momento como quem mede a direção do vento, sugeriu 100 . Carlos, como todo homem que não quer parecer impressionável, sorriu com desdém.

— Dou o 35

Ernesto, um rapaz rápido na arte das negociações, fingiu hesitar — não por esperteza, mas por instinto de sobrevivência comercial.

— Feito, patrão.

A troca consumou-se. Dinheiro de um lado, leão do outro. E, num daqueles momentos em que a vida resolve cooperar com a mentira, uma pequena multidão decidiu seguir Carlos para ver o transporte do animal, como se testemunhassem um herói reclamando sua presa legítima. A verdade, coitada, tentou meter-se, mas tropeçou na poeira da estrada e ficou para trás.

O leão foi amarrado com cordas, puxado, empurrado, e finalmente acomodado na traseira do jipe, onde ficou estendido como uma prova irrefutável de coragem — ainda que irrefutável apenas para quem não perguntasse muito.

Carlos partiu em direção a Quelimane com o entusiasmo de Alexandre Magno entrando na Babilónia. Já imaginava as narrativas, as reações, os convites para contar a história em jantares — e, claro, o surgimento inevitável de invejosos que tentariam desacreditar seu feito. Mas invejosos são parte do ecossistema natural da glória.

Ao chegar à cidade, fez aquilo que qualquer homem sensato numa mentira bem embalada faria: estacionou na praça principal e esperou que o mundo viesse até ele.

E o mundo veio. Uns com surpresa, outros com exagero, outros ainda com aquele especial talento para louvar sem acreditar, o qual chamam de diplomacia social. Carlos narrou sua versão — não uma vez, mas vinte — cada vez adicionando um detalhe dramático: o rugido da fera, o risco de vida, a precisão do tiro, o suor frio escorrendo (que, de fato, existira, mas fora causado pelo calor indecente do caminho).

E, assim, Quelimane consagrou mais uma das suas verdades improváveis, daquelas que sobrevivem não por serem verdadeiras, mas por serem saborosas.

E, se me permite a confissão final deste capítulo, leitor: há homens que caçam leões e há homens que caçam histórias. Carlos, com sua astúcia embriagada e sua vaidade fresca, descobrira que é muito mais fácil — e muito mais rentável — caçar as segundas.

E, naquela tarde, o leão morto comprado na estrada foi, para todos os efeitos públicos, sua maior conquista.

O epílogo virá para selar essa ironia.

EPÍLOGO — O CAÇADOR ETERNO

Há quem diga — e em Quelimane sempre há quem diga alguma coisa — que um homem não escolhe a própria lenda; a lenda é que o escolhe, veste-o, calça-o e o obriga a desfilar como se fosse um uniforme de gala. Carlos Martins, que nunca disparou um tiro certeiro, que jamais viu um leão de perto vivo e que confundiu uma cabra nervosa com uma fera digna das epopeias coloniais, tornou-se, ainda assim, o maior caçador da Zambézia. Não porque tenha caçado, mas porque Quelimane, em sua vocação poética e maldosa, precisava de um herói — e decidiu inventar o mais improvável possível.

Décadas depois do episódio que já conhecemos até de cor — o rugido desafinado, o tiro para o céu, o pânico de Malaquias, a cabra em carreira gloriosa — a história continuava a ser repetida nas varandas, nos cafés, nas festas, nas feiras e até no velório de uma tia distante de Belmiro Janeiro , que jurava ter visto o leão fugir "com o rabo entre as pernas e o orgulho ferido". A versão variava conforme o narrador: alguns diziam que Carlos enfrentara dois leões; outros, que fora um grupo de hienas; outros, mais imaginativos, que a fera tinha os olhos vermelhos e cuspia brasas.
Nenhuma menção à cabra, claro. Cabras não constroem mitos.

Carlos, já idoso, aceitava a lenda como quem aceita um presente extravagante que nunca pediu. Às vezes sorria. Às vezes suspirava. Às vezes ajeitava o bigode com a mesma dignidade de sempre, como se dissesse ao tempo: "Fiz o melhor que pude com o que me deram".

E o tempo, esse juiz que nunca se apressa, tratou de consolidar tudo.

As crianças cresceram ouvindo a fábula do Caçador de Quelimane. Os adultos repetiam-na com nostalgia. Os velhos, que testemunharam o dia da cabra, corroboravam a fábula e deixaram na florescer na imaginação coletiva, onde todo exagero encontra solo fértil.

Quando Carlos morreu — numa manhã tranquila, sem rugidos, sem tiros, sem glória dramática — a cidade fez-lhe um funeral digno de príncipe. A igreja ficou cheia. Falou-se da sua coragem, do seu sangue frio, do seu olhar que lia a mata como quem lê cartas antigas. O padre citou até um salmo que, à força de repetição, soou quase como um hino de caça.

Alguém comentou que o caixão deveria ter uma pequena escultura de leão na tampa. Outro, mais modesto, sugeriu apenas um bigode dourado. No fim, nenhum dos dois foi aceito, mas os debates mostram a dimensão do mito.
O que ninguém soube — e talvez seja melhor assim — é que, na última noite antes de morrer, Carlos chamou o sobrinho mais novo, aproximou-o do leito e, com a voz amaciada pelo cansaço e pela memória, confessou:

— Meu rapaz… aquilo nunca foi um leão.

O sobrinho arregalou os olhos.

— Mas foi o quê, tio?

Carlos sorriu, com um sorriso tão pequeno que caberia num bolso:

— Uma cabra assustada. Só isso.

O sobrinho, perplexo, tentou argumentar, mas o velho levantou um dedo:

— Não digas nada. A verdade é simples… mas a vida, às vezes, precisa de complicação para fazer sentido.

E fechou os olhos.
No dia seguinte, Quelimane enterrou o caçador que nunca caçou. O único que sabia da verdade guardou silêncio — não por covardia, mas por respeito àquilo que a cidade, teimosamente, escolhera acreditar.

Assim, a lenda continuou. Cresceu. Engordou. Transformou-se em patrimônio oral, em memórias inventadas, em orgulho comunitário. E, sempre que o assunto surgia, alguém apontava para a mata distante e dizia:

— Foi ali que o grande Carlos enfrentou a fera.

E ninguém contestava.

Porque, no fim das contas, não importa se havia uma fera, uma sombra ou apenas uma cabra medrosa. Importa que, naquele dia, Carlos Martins encontrou seu destino. Ou, melhor dizendo, encontrou a história que Quelimane queria ouvir.

E histórias, como se sabe, são muito mais duradouras que a verdade.

Fim